

## UM

*Dezembro de 2001*

Tornei-me no que sou hoje aos doze anos, num dia frio e enevoadado do inverno de 1975. Recordo-me do momento exato, eu estava escondido atrás de uma parede de lama decrépita, a espreitar para o beco deserto perto do riacho gelado. Foi há muito tempo, mas hoje sei que não tem razão quem diz que é possível enterrar o passado. Porque, mesmo que o enterremos, ele tanto esgravata a terra que acaba por regressar. Quando olho para trás, vejo que passei vinte anos a fitar aquele beco vazio.

Um dia, no verão passado, o meu amigo Rahim Khan telefonou-me do Paquistão a pedir-me que fosse visitá-lo. De pé na cozinha, com o auscultador encostado ao ouvido, percebi que não era só Rahim Khan que estava do outro lado da linha. Era todo o meu passado, os meus pecados por expiar. Depois de desligar, fui dar um passeio ao longo do lago Spreckels, no extremo norte do Golden Gate Park. O sol do princípio da tarde refletia-se na água, onde dezenas de barcos em miniatura deslizavam ao sabor da leve brisa. Depois olhei para cima e vi dois papagaios de papel vermelhos, com longas caudas azuis, subirem no céu. Flutuavam muito acima das árvores, no lado ocidental do parque, mais altos que os moinhos de vento, ondulando lado a lado como dois olhos debruçados sobre São Francisco, a cidade que é hoje a minha. E de repente, a voz de Hassan murmurou na minha cabeça: «Por ti, tudo.» Hassan, que lançava papagaios de papel e tinha lábio leporino.

Sentei-me num banco de jardim perto de um salgueiro. A pensar numa frase que Rahim Khan tinha dito mesmo antes de desligar, quase como uma ordem. «Nunca é tarde para acertar as contas.» Olhei de novo para os papagaios gémeos. Lembrei-me de Hassan. Lembrei-me de Baba. De Ali. De Cabul. Da minha vida antes do inverno de 1975 chegar e mudar tudo. E de eu me tornar no que sou hoje.

## DOIS

Quando éramos pequenos, Hassan e eu costumávamos subir aos choupos da rua que vai dar à casa do meu pai e chatear os vizinhos projetando um raio de sol sobre as casas deles com um bocado de espelho partido. Sentávamo-nos à frente um do outro em dois ramos altos, os pés nus a balouçar, os bolsos das calças a abarrotar de amoras e avelãs. Usávamos o espelho à vez e comíamos amoras, atirávamo-las um ao outro, numa grande risota, às gargalhadas. Parece que estou a ver Hassan empoleirado naquela árvore, o sol filtrado pelas folhas a iluminar o seu rosto quase perfeitamente redondo, um rosto igual ao das estatuetas chinesas talhadas em madeira: o nariz achatado e largo, os olhos estreitos e oblíquos, a lembrar folhas de bambu — olhos que eram, consoante a luz, dourados, verdes ou cor de safira. Ainda consigo ver as orelhas dele, pequenas e baixas, e aquele queixo curto e pontiagudo, um apêndice carnudo que parecia ter sido acrescentado posteriormente. E o lábio leporino, imediatamente à esquerda de uma linha central imaginária, no ponto em que o escultor chinês teria deixado escorregar o cinzel, ou talvez se tivesse apenas distraído, já cansado.

Às vezes, do alto das árvores, convencia Hassan a atirar avelãs com a figa ao pastor-alemão zarolho do vizinho. Hassan nunca queria fazê-lo, mas se eu lhe pedisse, pedisse a sério, ele não me dizia que não. Nunca me dizia que não. E era invencível com a figa. O pai de Hassan, Ali, normalmente apanhava-nos e ficava furioso, ou tão furioso quanto uma pessoa doce como Ali era capaz

de ficar. Esticava o indicador e mandava-nos descer da árvore. Guardava o espelho e contava-nos o que a mãe dele lhe tinha dito: que o Diabo também fazia os espelhos queimar, fazia-o para distrair os muçulmanos durante as orações. «E a rir-se o tempo todo», acrescentava sempre, repreendendo o filho.

— Sim, pai — balbuciava Hassan, baixando os olhos. Mas nunca me denunciou. Nunca contou que o espelho, tal como a chuva de avelãs, era ideia minha.

Os choupos ladeavam o caminho de argila vermelha que conduzia a um portão de ferro forjado. Este, por sua vez, dava para uma parte da estrada que ficava dentro da propriedade do meu pai. A casa erguia-se à esquerda do caminho vermelho que seguia até ao quintal nas traseiras.

Toda a gente dizia que o meu pai, o meu Baba, tinha construído a casa mais bonita de Wazir Akbar Khan, um bairro novo e próspero na zona norte de Cabul. Havia quem dissesse que era a melhor de toda a cidade de Cabul. Uma ampla avenida, com filas de roseiras dos dois lados, conduzia ao edifício baixo de chão de mármore e grandes janelas. Elaborados painéis de azulejos, escolhidos um a um por Baba em Isfahan, cobriam o chão das quatro casas de banho. Tapeçarias bordadas a ouro, que Baba trouxera de Calcutá, forravam as paredes; um lustre de cristal pendia do teto abobadado.

Lá em cima ficavam o meu quarto, o quarto de Baba e o escritório dele, também chamado «sala de fumo», com um cheiro permanente a tabaco e a canela. Baba e os amigos iam para lá recostar-se nas poltronas de couro negro depois de Ali ter servido o jantar. Enchiam — Baba dizia sempre «engordavam» — os cachimbos e conversavam sobre os três temas que preferiam: política, negócios e futebol. Às vezes eu pedia-lhe para ir para junto deles, mas Baba punha-se à entrada e dizia:

— É melhor não. Isto é só para crescidos. E se fosses ler um dos teus livros? — e fechava a porta, enquanto eu ficava a pensar porque seria que com ele era tudo sempre para os crescidos. Sentava-me no chão, com o rosto apoiado nos joelhos dobrados. Chegava a ficar ali sentado horas, a ouvi-los conversar, rir.

No andar de baixo, a sala de estar tinha uma parede curva com armários embutidos. Neles viam-se molduras com retratos de família: uma fotografia velha e manchada do meu avô com o rei Nadir Shah, tirada em 1931, dois anos antes do assassinio do monarca; estão ambos de pé, junto a um veado morto, de botas até aos joelhos e espingardas ao ombro. Havia uma fotografia da noite de casamento dos meus pais, Baba, impecável no seu fato preto, e a minha mãe, uma jovem e sorridente princesa de branco. Lá estava Baba com o seu melhor amigo e sócio, Rahim Khan, à porta da nossa casa, nenhum deles a sorrir — eu sou o bebé daquela fotografia, ao colo de Baba, ensonado e mal-humorado. É ele que me tem nos braços, mas é o mindinho de Rahim Khan que os meus dedos apertam.

A parede curva seguia até à sala de jantar, no centro da qual havia uma mesa de mogno que sentava à vontade trinta pessoas — e, como o meu pai adorava dar grandes festas, era precisamente isso que acontecia praticamente todas as semanas. Na outra extremidade da sala de jantar havia uma lareira alta em mármore, onde a luz laranja da lenha ardia durante todo o inverno.

Uma grande porta de correr de vidro abria para um terraço em semicírculo com vista para o hectare do quintal das traseiras e filas de cerejeiras. Baba e Ali tinham plantado uma pequena horta junto ao muro oriental: tomate, hortelã, pimentos e um renque de milho que nunca chegou a pegar. Hassan e eu chamávamos a esse muro o «Muro do Milho Doente».

No extremo sul do jardim, à sombra de uma nespereira, ficava a casa dos criados, uma modesta cabana de lama onde Hassan vivia com o pai.

Foi aí, nessa pequena barraca, que Hassan nasceu no inverno de 1964, precisamente um ano depois de a minha mãe morrer ao dar-me à luz.

Nos dezoito anos que vivi naquela casa, entrei nos aposentos de Hassan e de Ali apenas uma meia dúzia de vezes. Quando o Sol se punha atrás das colinas, acabava-se a brincadeira, e Hassan e eu seguíamos cada um o seu caminho. Eu subia a rua ladeada de roseiras até à casa do meu pai, Hassan ia para a cabana de lama onde tinha nascido e passaria o resto da vida.

Lembro-me de que estava quase vazia, era limpa e tinha apenas dois candeeiros de petróleo a iluminá-la. Havia dois colchões em pontos opostos, um banco com três pés e uma mesa de madeira a um canto, onde Hassan fazia os seus desenhos. As paredes estavam nuas, à exceção de uma tapeçaria onde contas embutidas formavam as palavras «*Allab-u-akbar*». Baba tinha-a comprado numa das viagens que fez a Mashad para a oferecer a Ali.

Foi nessa barraca pequena e escura que a mãe de Hassan, Sanau-bar, o deu à luz num dia frio de inverno, em 1964. A minha mãe morreu devido a uma hemorragia durante o parto, mas Hassan perdeu a dele menos de uma semana depois de nascer. Ela teve um destino que a maioria dos afegãos considera pior que a morte: fugiu com um grupo de cantores e bailarinos que andava de terra em terra.

Hassan nunca falava da mãe, como se ela nunca tivesse existido. Sempre me perguntei se ele sonharia com ela, se gostaria de saber como ela era, onde estava. Se desejaria conhecê-la. Sentiria a falta dela, como eu sentia da mãe que nunca tinha conhecido? Um dia, fomos os dois ao Cinema Zainab ver um novo filme iraniano, seguindo pelo atalho que passava junto ao aquartelamento militar perto da Escola Secundária de Istiqlal — Baba tinha-me proibido de tomar esse atalho, mas na altura ele estava no Paquistão com Rahim Khan. Saltámos a cerca que rodeava o acampamento, pulámos por cima de um pequeno regato e chegámos ao campo de terra batida onde os tanques velhos eram abandonados e ficavam a enferrujar. Um grupo de soldados estava sentado à sombra de um desses tanques, a jogar às cartas e a fumar cigarros. Um deles viu-nos, deu uma cotovelada ao colega do lado e chamou Hassan.

— Ei! Tu! — chamou. — Sei quem tu és.

Nunca o tínhamos visto na vida. Era um homem atarracado, de cabeça rapada e barba por fazer. O modo como nos sorriu, de esguelha, assustou-me.

— Não ligues, continua — ordenei a Hassan.

— Tu! O hazara! Olha para mim quando eu falar contigo! — rugiu o soldado. Entregou o cigarro ao colega do lado, fez um círculo com o polegar e o indicador de uma mão. Enfiou o dedo

médio da outra mão no centro do círculo. Enfiou e desenfiou. — Conheci a tua mãe, sabias? Conheci-a bastante bem. Fartei-me de levá-la para ali, para trás do ribeiro.

Os soldados riram-se. Um deles guinchou. Eu mandava Hassan continuar a andar, continuar a andar.

— Mas que coisinha mais boa e apertada que ela tinha! — dizia o soldado, apertando as mãos aos outros, a rir. Mais tarde, às escuras, depois do filme começar, ouvi Hassan soluçar a meu lado. As lágrimas corriam-lhe pela cara. Inclinei-me, pus o braço à sua volta, apertei-o. Encostou a cabeça no meu ombro.

— Ele confundiu-te com outra pessoa — segredei-lhe. — Confundiu-te com outra pessoa.

Dizem que ninguém se admirou quando Sanaubar fugiu. Toda a gente ficou espantada quando Ali, um homem que sabia de cor o Alcorão, casou com Sanaubar, uma mulher dezanove anos mais nova do que ele, de grande beleza mas sem escrúpulos, que vivia de acordo com a sua mais que merecida má reputação. Tal como Ali, era muçulmana xiita e de etnia hazara. Era também prima direita dele e portanto uma escolha natural para esposa. Mas, para além de todas essas coincidências, Ali e Sanaubar pouco tinham em comum, a começar pelo aspeto. Enquanto os brilhantes olhos verdes e o rosto malicioso de Sanaubar tinham, segundo constava, levado inúmeros homens a pecar, Ali sofria de paralisia dos músculos faciais inferiores, problema que o impossibilitava de sorrir, deixando-o permanentemente carrancudo. Era difícil de saber se o rosto petrificado de Ali estava feliz ou triste, porque só os seus olhos castanhos em bico brilhavam de alegria ou escureciam de tristeza. Dizem que os olhos são o espelho da alma. Isso não podia ser mais verdadeiro no caso de Ali, que só se revelava através do seu olhar.

Ouvi dizer que o andar insinuante de Sanaubar, a forma como maneava as ancas, punha os homens a sonhar com infidelidade. Mas a poliomielite dera a Ali uma perna direita torta e atrofiada, de pele e osso, com uma camada de músculo tão fina como papel. Lembro-me de um dia, quando eu tinha oito anos, Ali me levar ao bazar para comprar *naan*. Eu ia atrás dele, a cantarolar e a imitar a forma como ele andava. Reparei que descrevia com a perna defeituosa um

arco largo, inclinando completamente o corpo para a direita sempre que pousava esse pé. Só por milagre não tropeçava a cada passo. Quando tentei fazer o mesmo, quase tombei na sarjeta. Desatei a rir-me. Ali voltou-se e percebeu que eu estivera a imitá-lo. Não disse nada. Nem nessa altura nem nunca. Limitou-se a seguir caminho.

O rosto e o andar de Ali metiam medo a algumas das crianças mais pequenas do bairro. Mas o problema residia nos miúdos mais velhos. Perseguiam-no pelas ruas e faziam troça quando o viam passar. Alguns chamavam-lhe mesmo *babalu*, que significa «papão».

— Ei, *babalu*, quem é que comeste hoje? — gritavam-lhe, entre um coro de gargalhadas.

Chamavam-lhe «nariz achatado» por causa das feições mongóis típicas dos hazaras de Ali e Hassan. Durante anos isso era tudo o que eu sabia sobre os hazaras, que descendiam dos mongóis e que se pareciam com os chineses. Os manuais escolares mal falavam neles e mencionavam a sua ancestralidade apenas de passagem. Até que um dia, quando estava no escritório de Baba a mexer nas coisas dele, encontrei um dos velhos livros de história da minha mãe. O autor era um iraniano de nome Khorami. Sacudi o pó do pódio livro, levei-o às escondidas para a cama nessa noite e descobri, pasmado, que tinha um capítulo inteiro dedicado à História dos hazaras. Contava que os hazaras tinham tentado revoltar-se contra os pastós no século XIX, mas os pastós «esmagaram-nos com uma violência indescritível». Dizia que o meu povo dizimara os hazaras, expulsara-os das suas terras, deitara fogo às suas casas e vendera as suas mulheres. Segundo o livro, os pastós tinham oprimido os hazaras em parte por serem muçulmanos sunitas e os hazaras xiitas. O livro contava muitas coisas que eu não sabia, coisas que os meus professores nunca tinham falado. Coisas que Baba também nunca tinha mencionado. Dizia algumas coisas que eu já sabia, como, por exemplo, que as pessoas chamavam aos hazaras «comedores de ratos, narizes achatados, burros de carga». Tinha ouvido alguns miúdos do bairro berrar esses nomes a Hassan.

Na semana seguinte, depois das aulas, mostrei o livro ao meu professor e chamei a atenção dele para o capítulo sobre os hazaras. Ele folheou umas páginas, abafou um risinho e devolveu-me o livro.

— É a única coisa que os xiitas sabem fazer — disse, pegando nos seus papéis —, armar-se em mártires — franziu o nariz quando pronunciou a palavra «xiitas», como se ela fosse uma espécie de doença.

Mas, apesar de partilhar a mesma herança étnica e o mesmo sangue, Sanaubar fazia coro com os miúdos que troçavam de Ali. Tinham-me dito que ela não escondia o seu desdém pela aparência dele.

— Isto, um marido? Já vi burros velhos serem maridos melhores.

Na verdade, a maioria das pessoas desconfiava que o casamento tinha sido combinado entre Ali e o tio, pai de Sanaubar. Diziam que Ali casara com a prima para limpar a honra do nome do tio, muito embora, tendo ficado órfão aos cinco anos, não possuísse bens nem herança que se visse.

Ali nunca retaliava contra os seus atormentadores, suponho que em parte porque nunca conseguia apanhá-los, pois tinha que arrastar a perna torta quando corria. Mas, sobretudo, porque Ali era imune aos insultos dos seus atacantes; tinha encontrado a sua alegria, o seu antídoto, no momento em que Sanaubar deu à luz Hassan. O parto fora bastante fácil. Nem obstetras, nem anestesistas, nem equipamento sofisticado. Só Sanaubar deitada em cima de um colchão manchado, Ali e uma parteira a assisti-la. Não precisou de muita ajuda, pois a verdade é que Hassan nasceu tal como viveu toda a vida: sem fazer mal seja a quem for. Uns grunhidos, uns empurrões e Hassan lá veio ao mundo. A sorrir.

Como a loquaz parteira confidenciou a uma vizinha, que mais tarde o contou a quem quis ouvir, Sanaubar olhou de relance o bebé que Ali segurava nos braços, reparou no lábio leporino e soltou um riso amargo:

— Já está — terá dito. — Agora tens um monstrinho só teu que pode sorrir por ti! — recusou-se mesmo a pegar em Hassan ao colo e cinco dias depois desapareceu.

Baba contratou a mesma mulher que me amamentara para ser a ama de Hassan. Ali contou-nos que ela era uma hazara de olhos azuis, natural de Bamiyan, a cidade das estátuas gigantes do Buda.

— Que bem que ela cantava — costumava dizer-nos.

Que cantava ela era o que Hassan e eu perguntávamos sempre, embora já o soubéssemos — Ali tinha-nos contado vezes sem fim. O que nós queríamos era ouvir Ali cantar. Aclarava a garganta e começava:

*Subi ao cimo do monte  
e gritei o nome de Ali, leão de Deus.  
Ó Ali, leão de Deus, rei dos homens,  
alegra os nossos corações amargurados.*

Em seguida, recordava-nos que os homens alimentados pelo mesmo peito eram como irmãos, um laço que nem o tempo era capaz de destruir.

Hassan e eu fomos amamentados pelo mesmo peito. Demos os primeiros passos no relvado do mesmo quintal. E debaixo do mesmo teto dissemos as nossas primeiras palavras.

A minha foi Baba.

A dele foi Amir. O meu nome.

Quanto mais penso nisso, mais me convenço de que o que aconteceu no inverno de 1975 — e tudo o que se seguiu — começou com essas primeiras palavras.